



GUAPORE: HISTÓRIAS DE PESSOAS E DO RIO

Adriane Pesovento
Marcelo Ferreira Lemes
Wander Scalfoni de Melo¹

Resumo: D' Antônio Rolim de Moura foi encarregado da administração do território da Capitânia do Mato Grosso no século XVIII, este então deixando alguns documentos descritivos, que caracterizam este território e as ações de pessoas que ali iniciavam os trabalhos de interesse da Coroa Portuguesa. São os escritos oficiais sobre a espacialidade que deixam claras algumas preocupações com o rio Guaporé, como os interesses para com a fronteira e com o desenvolvimento populacional, que de certa forma, ou diretamente, está relacionado também aos interesses fronteiriços. Um memorialista do século XIX, Alfredo Taunay, deixa também alguns escritos sobre esta espacialidade, mais especificamente sobre o rio Guaporé. Faz-se então uma análise sobre estes dois memorialistas, acerca de seus relatos e mais especificamente sobre o rio Guaporé, e o que o rio representava para os dois. Busca-se tentar entender o que ambos deixam documentado sobre este rio tido como de tão importante para esta localidade. São apresentadas formas de escritas diferentes, Rolim de Moura com uma preocupação oficial e Taunay com um objetivo memorialístico para afirmar a importância do conhecimento da cultura popular daquela espacialidade, assim há de certa forma uma análise distinta para cada memorialista sem deixar de contrapor suas narrativas.

Palavras-chaves: Representação. Rolim de Moura. Alfredo Taunay.

1 Introdução

O que se trás aqui, não são histórias de um rio ditando a vida, mas dela emergindo e saltitando, em que o passado, através de registros diversos faz-se notar. Narrativas que insistem em se mostrar, filtradas pelos cílios molhados da vida por um rio e de um rio pela vida. O Guaporé conduziu olhares, proporcionou histórias, algumas dramáticas outras de festejos e alegrias, todas assistidas e, também, ensejadas pela presença constante e oscilante das águas do rio.

Esse pequeno ensaio, visa emaranhar rio, pessoas e histórias. Não se pretende um determinismo geográfico, ou algo do gênero, o que se quer é revisitar escritos de outros tempos, à luz dos usos, costumes e fazeres das “gentes” que cruzaram seu remanso e, também, foram por ele atravessadas.

Os textos históricos muitas vezes assustavam os leitores, com as descrições das cheias caudalosas, de correntezas arrebatadoras, por vezes dramáticas de final funesto, em outras de alegria pela mesa farta, peixe que alimentava, o ribeirinho que deslizava em seus contornos. Um rio e pessoas constroem para si histórias possíveis, suas narrativas atravessam séculos.

2 Guaporá um Rio de Histórias: Continuidades nas construções discursivas de Rolim de Moura e Alfredo Taunay

O Guaporé segundo dois memorialistas, um do Século XVIII e outro do Século XIX, sendo o primeiro D'Antônio Tavares Rolim de Moura sendo o governante da capitania de Mato Grosso em meados do século XVIII, apresentou uma visão de certo modo oficial pois suas correspondências dedicavam-se a tratar de aspectos concernentes a administração e a questões de ordem geopolíticas.

O outro memorialista que oferece informações sobre o rio Guaporé foi Alfredo Maria Adriano d'Escragolle Taunay, que entre as atividades que desenvolveu durante sua vida destacou-se nas funções de escritor, músico, professor, engenheiro militar entre outras.

O tema ora proposto possui sua historicidade marcada por estudos que remontam e atravessam os séculos. As nuances são específicas, em alguns momentos a dimensão física e geográfica foi a veia principal e em outros aspectos relacionados a sociabilidade, comércio e a comunicação com outras partes do interior fosse da Colônia Portuguesa ou anos depois no Império do Brasil.

O tema limita-se a evidenciar as construções narrativas dos autores acima citados, numa perspectiva de que tanto um, quanto outro, colocaram não apenas meras descrições da espacialidade em que se encontra o rio, seus textos carregam impressões pessoais e até sentimentais, derivadas dos "lugares" que ocupavam tanto no plano pessoal, quanto político.

Como escolha do tema optou-se por procurar compreender o Rio Guaporé a partir dos relatos dos memorialistas, com ênfase nos registros do acervo no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), que nos anos oitocentos ocupou centralidade nas discussões e não construção de um ideário de nação ao país que recém havia se tornado independente.

Também compõe o acervo documental adotado, e os Anais de Vila Bela recentemente publicados. Estes últimos, depois de muitos anos quase desconhecidos dos historiadores, só recentemente foram recuperados e publicizados através de uma publicação pela editora da Universidade Federal de Mato Grosso.

O rio Guaporé foi estratégico para a colonização portuguesa, aliás, uma das referências de ampliação e consolidação da fronteira luso-brasileira com a colonização espanhola. Um exemplo que pode ser citado acerca do assunto foi a construção do Forte

Príncipe da Beira, edificado em suas franjas e com certa comunicação com as Missões Espanholas de Mochos e Chiquitos. Antes, porém, houve a criação de Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital da recém criada Capitania de Mato Grosso que por ordens Da Rainha D. Mariana Vitória para o Cap. General de Mato Grosso D. Antônio Rolim de Moura, Lisboa 19 de janeiro, escolheu-se aquele lugar para estabelecer uma administração de domínio português com objetivos de ampliação fronteiriça e consolidação de um modelo urbanístico português nesta parte da América do Sul. Cabe analisarmos as falas destes memorialistas e tentar perceber nelas as visões de cada um sobre a espacialidade em questão.

A baliza temporal adotada na pesquisa alargou-se devido o olhar dado ao objeto, ou seja analisar parte das narrativas deixadas por Rolim de Moura no século XVIII, e um fraguemento da História contada por Alfredo Taunay no século XIX, sendo o primeiro em meados do século XVIII e do segundo em meados do século XIX. Esta baliza temporal foi ampliada porque o interesse é as narrativas sobre o rio Guaporé.

2.1 Rio Guaporé: Histórias na Capitânia de Mato Grosso

O presente artigo tem por finalidade escrever acerca das perspectivas dos dois narradores, que em suas descrições o que dizem sobre o rio Guaporé, sendo um do século XVIII que foi o Capitão- Governador do Mato Grosso D, Antônio Rolim de Moura Tavares e do militar e escritor Alfredo d'Escragnoille Taunay do século XIX. Um trabalho de contrapor as duas representações dos memorialistas, está é a finalidade da discussão.

A autora Loiva Canova cita que o primeiro foi representante da Coroa portuguesa que: “[...] foi um dos responsáveis pela demarcação da fronteira amazônica, estimulou a criação da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão e foi um dos executores das políticas que redesenharam a fronteira oeste da Amazônia” (CANOVA, 2010). A Coroa portuguesa tratou de escolher o Vale do Guaporé como território onde seria construída a nova sede da capitania do Mato Grosso. Rolim de Moura tinha como missão de cuidar deste território para que a vizinha, coroa espanhola não adentrasse para o lado oriental do rio Guaporé, pois nas instruções dadas pela Rainha à Dom Antonio Rolim de Moura já apontava que as missões de Mochos e Chiquitos haviam se intensificado neste período e naquela justamente na aquela espacialidade, como está nos documentos descritos na revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB):

E como de nenhuma sorte convém, que a residencia principal do governo tenha um defeito tão essencial, vos recomendo, que, examinando os sítios d'aquelle districto, onde bem possa collocar a villa, escolhaes o mais proprio para ua estabilidade, e o mais commodo pelas circustâncias, atendendo a que o lugar seja defensavel, e quando for pocivel vizinho ao rio Guaporé, ou a algum outro navegavel que n'elle desague para lograr as commodidades da navegação e da pesca. (RIHGB, t.LV p. 382, 1849.).

A preocupação da Coroa portuguesa em levar este discurso adiante em relação ao rio Guaporé, foi com este viés que Rolim de Moura procurou seguir as ordens fielmente. O rio tinha uma relação com as minas de Cuiabá, pois era um diferencial para a Capitania do Mato Grosso sendo este que servia de apoio as suas minas, pela abundante quantidade de peixes que dele foi retirado suprindo com isso a menor preocupação com a ligação com as outras colônias, aconteceu com a prática da pescaria sendo abordada nos *Anais de Vila Bela 1734-1789* que menciona: “Os seus moradores não só podiam se enriquecer dos víveres, que venderiam aos viajantes, os quais escusavam trazer as canoas do seu comércio carregadas deles” (AMADO, ANZAIS, 2006, p. 194)

Cuiabá mesmo já estruturada e povoada, cedeu lugar, dois anos antes da assinatura do Tratado de Madri, para a primeira capital oficial da recém-criada capitania de Mato Grosso, que já nasceu com o estatuto de Vila Bela da Santíssima Trindade, tendo sido oficialmente inaugurada no ano de 1752.

Foi pelas águas do rio Guaporé que em 1752 Rolim de Moura com sua comitiva chegaram em Pouso Alegre a sua margem direita, onde deu-se início a construção de Vila Bela, sendo um dos argumentos era: como ponto estratégico da Coroa portuguesa contra os avanços dos espanhóis, o rio Guaporé ao longo do século XVIII era rota das missões dos jesuítas do lado espanhol, com isso Rolim de Moura conhecido por ser um bom navegador percebeu que para manter o território, e as ordens que vinha de sua majestade, preocupou-se em dominar tudo o que era do viés das práticas fluviais, e o que ele tinha a disposição era o rio Guaporé, se controlasse o rio controlava a Capitania e seus limites.

Para que o governador da capitânia de Mato Grosso, Rolim de Moura, obtivesse domínio do território, percebeu que o rio Guaporé era de vital importância, isso fez com que se aproximasse dos Bororo, tribos indígenas selvagens que habitavam as margens do rio, e assim conheciam muito bem o rio. Com isso se inicia a relação com os Bororo:

Conforme Rolim de Moura esses soldados pedestres, dos quais os Bororo faziam parte, eram de grande utilidade para auxiliar os soldados dragões nas diligências distantes dos povoados [...] estavam sempre prontos para agir a qualquer hora que fossem solicitados; pelo seu modo de trajar, por serem bons nadadores, [...] com eles não encontravam embaraço por coisa alguma; nas escoltas das monções e em todas as diligencias de rios seriam úteis para pilotar e remar as canoas. (ROCHA, 2016, p. 98.).

Na obra *Guerreiros Cabaçais* Lecy Figueiredo Rocha escreve que Rolim de Moura sempre estava a favor dos povos indígenas e não mantinha boas relações com quem comercializava-os, isto porque fazia parte também das ordens da coroa portuguesa para a questão do povoamento daquele território era preciso o contingente indígena, com isto o capitão Rolim de Moura teve de contar com a astúcia em manter a ordem e uso da coerção ou não para suavizar o que fosse conveniente a sua governança.

A representação que Rolim de Moura tinha da realidade até então era uma representação de Portugal que em suas comparações com os modos que os índios andavam e nadavam, enfatizou que estes eram muito superior em comparação aos portugueses, que em determinados momentos ele se surpreende com a paisagem e descreve como Portugal é um lugar pequeno em relação a grandeza do Brasil:

O reino é o lugar da sua lembrança detalhada, guardada pela comparação dos espaços vistos e apreendidos: representa um apego a sua terra natal, em circunstâncias espaciais diferentes. A comparação entre as dimensões espaciais do reino e as dimensões das terras da América Portuguesa suscita a imagem de dois pólos divergindo entre a largura e a estreiteza. A idéia de terra dilatada caracteriza a colônia e, ao mesmo tempo, a impressão de imensidão está relacionada às dimensões do reino de Portugal. (CANOVA, 2010, p. 4.).

Enquanto Rolim de Moura estava preocupado com as espacialidades para a coroa portuguesa no século XVIII, em uma outra viagem que Alfredo Taunay faz no século XIX, portanto ele descreve em sua narrativa na segunda parte do tomo 54 da revista do (IHGB), o que demonstra é um sentimento pela perda do tio Adriano Taunay nas águas do Guaporé, aborda que este rio é uma ligação aos sertões. Uma viagem que faz por motivo pessoal como aponta a autora Gislei Martins Souza sobre o memorialista:

O recurso à escrita memorialística, nesse texto, projeta uma narrativa construída como num jogo de espelhos, em que a memória do narrador homodiegético espelha cenas da reminiscência do pai que, por sua vez, refletem a memória do irmão, morto nas águas do Rio Guaporé. (SOUZA, 2011, p. 86).

O escritor e militar Alfredo Taunay, “Angariou em sua carreira intelectual o feito de colaborador na fundação da Academia Brasileira de Letras, como também foi prestigiado como patrono do Instituto Histórico e Geográfico Mato-grossense (IHGMT)”. (SOUZA, 2011).

2.2 As Representações Expressas em Memórias

Para criar uma representação do rio Guaporé Alfredo Taunay lança mãos a um personagem que esteve presente em suas narrativas na revista do IHGB, o denomina como Cardoso Guaporé, um homem de aproximadamente 80 anos, em que o autor Taunay o chama de “Preto velho” é uma narrativa de uma experiência sublime para Alfredo Taunay, isso retira dos ombros do escritor e historiador e conforta o peso de uma história sobre a memória deste sujeito: “Formou-se, assim, um traço de originalidade muito bem captado na descrição de tipos como Cardoso Guaporé”,(CASTRILLON, 2007) este personagem exalta e reforça para Taunay novamente o bravo tio Adriano Taunay que morreu nas águas do Guaporé.

O lado sentimental do escritor Alfredo Taunay como sobrinho que ao fazer suas representações destaca firmemente sobre o seu tio Adriano Taunay na revista do IHGB, “agradecendo de coração ao disticto escritor a honrosa referência que faz à minha família,”

(TAUNAY, 1891) deixa em destaque que é a este personagem da família, que fomenta suas narrativas para a revista, Alfredo Taunay pode então reafirmar o que já se tinha documentado por outros militares memorialistas que escreveram sobre o seu tio Adriano Taunay, este que morreu nas águas do rio Guaporé, o sobrinho de Adriano Taunay como viajante e escritor se manifesta de uma maneira distinta acerca das águas do Guaporé, como elas são motivos para preocupação, como emprega na revista do (IHGB) quando ele cita que Rolim de Moura:

Ahi, dizia-me Cardoso Guaporé, é que se verificou em regras o manda que pôde. Um sertanista chamado Cyriaco (o homem pronunciava Cyriáco) fez o possível para que se escolhesse outro lugar mais enxuto; mas Rolim de Moura Embirrou, batendo o pé, não quiz ouvir a ninguém e fechou a ameaçar, que seria preso e remetido em ferros para Cuyabá quem mostrasse desgostoso com o Pouso-Alegre a delle fallasse mal. (TAUNAY, 1891, p. 46.).

Alfredo Taunay demonstra em sua narrativa que Rolim de Moura tinha um conhecimento científico, e que por ser um homem em destaque entre os da Rainha e que possuirá ao longo de sua vida um cabedal de reconhecimento e especializações, porém essas atribuições não contribuíram para o Governador resolvesse aquela situação, entretanto houve um embargo entre Rolim de Moura e os sertanejos², pois estas pessoas já conheciam o lugar, mas por se tratar de um Capitão-General, deste modo foi Rolim de Moura que venceu esta tensão.

Porém naquele momento o *poder* de colonizador se sobre põem perante uma “cultura popular”³ e o que se percebe é poder com a sua teoria, porém na prática isto não trouxe resultados, Canova já considera o fato em que: “A narrativa de viagem é a posição específica do colonizador: curioso acerca do outro e seguro de sua superioridade. Nesse sentido, a superioridade de Rolim servirá como ponto de discussão daquilo que lhe presenteia a visão” (CANOVA 2010). E por Rolim de Moura subestimar a cultura popular daqueles indivíduos que já conheciam a espacialidade e sobre o rio Guaporé, foi o que culminou depois de um tempo para o abandono, com isso as ruínas em que se encontrava Vila Bela da Santíssima Trindade, citado por Alfredo Taunay que se propôs em visitar o local onde seu tio foi enterrado, que praticamente depois de meio século se encontra em total abandonado.

Na narrativa de Alfredo Taunay acentua que esses sertanejos tem uma vida em consonância com a natureza e isto tem uma essência com o rio, sendo assim um ponto fundamental para se pensar a legitimidade desta questão e, também, para esta

2 O termo “sertanejos” é de Taunay que se refere a pessoas que percorrem grandes extensões de terras pouco conhecidas e mal exploradas (TAUNAY, Alfredo, op. cit., p. 105).

3 O termo “popular” é derivado de povo; a acepção mais comum é considerar povo como o conjunto dos cidadãos de um país, excetuando-se pelos dirigentes e os membros da elite socioeconômica.

consideração do testemunho do autor como é apontando no presente pela teoria da astróloga Ilya Virgatchik:

Segundo as tradições populares (que hoje parecem confirmadas) as fases da Lua seriam responsáveis pelas mudanças do tempo e, principalmente, pelas chuvas. Como já salientamos, a Lua acha-se inscrita na associação Lua-Águas Fecundação-Primeiras Chuvas-Mulher. A chuva, portadora da fecundidade, é naturalmente um símbolo lunar. (VIRGATCHIK, 1983, p. 134.).

Do mesmo modo Alfredo Taunay quando fala do rio Guaporé, ele descreve que o seu tio era muito talentoso e bom nadador e tinha um histórico de aventuras tais como:

Tudo experimentou, desde as delicias da vida facil nas ilhas da Oceania, tão piroresca e rodeadas das lendas mais poeticas- aprendendo a nadar como um peixe com os aborigenes das carolinas e das Marquezas, donde lhe proveio n´agua enorme segurança, causa final de sua morte- tudo vio e analysou, até os horrores de um naufragio, quando a *Urania*, a 14 de fevereiro de 1820, se despedaçou em um baixio proximo das ilhas Malvinas ou Falkland. (TAUNAY, 1891, p. 9.).

Além destas características, Adriano Taunay foi um artista viajante que deixou muitas representações que ilustravam as aldeias dos índios Bororo, os hábitos destes aldeamentos e os modos de vida destes indivíduos como aponta Rocha que:

Portanto, como a documentação a documentação a respeito dos Bororo Cabaçais é bastante escassa, as aquarelas de A. A. Taunay a respeito deste grupo indígena constituem-se em fonte documental e iconográfica de inestimável valor, que nos permite conhecer a identidade dos Cabaçais e detalhes da vida cotidiana destes índios. (ROCHA, 2016, p. 124.).

A viagem até a Capitania do mato Grosso para o intuito de fortalecer a memória de um ente da família contra o esquecimento, mas Alfredo Taunay levanta a questão apenas superficialmente que a morte poderia ser evitada, caso Adriano Taunay tivesse aderido aos saberes populares e respeitado a natureza:

Forão absorvidos pelo encanto da solidão, como que embalados por misteriosa rede que, em doce e entorpecedor moimento, só lhe consentia meditação para si. Identificarão-se cada vez mais com a natureza, sempre vacilantes entre dous impulsos igualmente instantes e poderosos, a aspiração de penetrar e desvendar muitos dos seus segredos e processos, mas ao mesmo tempo o zelo de occulta-los aos mais, nesta admiração immensa pela criação inteira, repassada já de compaixão por quantos ou não a comprehendem ou a comprehendem a meio, já de desprezo por aqueles que fazem da sciencia aparato spectaculo ou então degrãos de escala a ambições terrenas. (TAUNAY, 1891, p. 54).

Do mesmo modo que ocorreu com Rolim de Moura em não considerar as inundações do rio Guaporé ocorreu com o afogamento do tio de Alfredo Taunay, ele descreve isso quando se trata de justificar o abandono de Vila Bela, ao deixar escrito que foi um equívoco de Rolim de Moura em escolher aquele lugar para se construir uma Vila Capital.

O trabalho de Alfredo Taunay é de um viajante-escritor e memorialista que faz uma composição entre História e memória. Em um momento em que se procurava construir uma História gloriosa, traçar uma mentalidade de progresso e um modelo de civilização ao Brasil, para um ideal de nação como cita a autora Lilia Mortz Schwarcz em sua obra *“O Espetáculo das Raças”* que o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) vê a preocupação com:

Essa lógica comemorativa do instituto se efetivou não só mediante os textos produzidos e publicados na revista, como por uma prática efetiva de produção de monumentos, medalhas e uniformes próprios ao estabelecimento. Lembrar para comemorar, documentar para bem festejar. (SCHWARCZ, 1993, p. 104.).

Na narrativa de uma História oficial para consolidar o Estado Nacional se preocupou com o sentimento de homogeneização da sociedade nacional, o objetivo foi de passar um imaginário que a inclusão estava consolidada dentro do território ocupado e protegido, passado a imagem de nação. “Neste viés de singularidade faziam uso da interdisciplinaridade entre a História, Geografia e a Literatura como balizares para a revista”. (SCHWARCZ, 1993).

O ideal, a sustentação do império, a uma escrita com base elitista suas produções que consagrava o desbravador, “Este discurso toma corpo a partir da primeira década do século XIX, quando a, já existente elite cuiabana, passa a reivindicar ostensivamente, a transferência da Capital para Cuiabá”. Sublinha (LUCIDIO, 2004) O que traz o perigo do IHGB como referência para a escrita da História deste modo que:

Da segunda parte contavam biografias de brasileiros “distintos por letras, armas e virtudes”. Essas pequenas biografias constituíram uma forma bem específica de se fazer história, uma história pautada em nomes e personagens, e que se concentrava na elaboração de nobiliarquias e genealogias para elites agrárias sedentas de títulos que (SCHWARCZ, 1993, p. 110).

Com isso legitimaram seus textos na atuação política e econômica modelando a sociedade brasileira, pois o contrabando que havia no vale do Guaporé entre os Séculos XVIII e XIX trouxe uma consolidação das intercessões por parte da administração portuguesa para o domínio do rio Guaporé:

Se não foi alcançada a meta principal do Plano Pombalino, ou seja, drenar metal precioso do Peru entrando mercadorias a preços competitivos naqueles domínios de Castela, o pragmatismo da administração portuguesa foi capaz de ajustar-se às condições locais e empreender, com relativo sucesso, uma vigorosa drenagem de mantimentos, gado e mulas dos vizinhos, recursos que, em uma conjuntura decisiva de consolidação da posse do rio Guaporé, foram da maior importância, realmente vitais, por exemplo, para que se pudesse construir o Forte Príncipe da Beira. (CARVALHO, 2011, p. 13).

É nítida a importância do controle do rio em narrativas para o sucesso fronteiriço da espacialidade, pois o rio era uma fronteira estática, que estava ali e pronto diferente das fronteiras moveis do sul do Mato Grosso, com o controle desta espacialidade se afirmaria o controle das regiões onde não se tinha rios para limitar.

O universo em que Alfredo Taunay coloca o rio Guaporé é diferente do universo avistado por Rolim de Moura, o memorialista vê no rio uma fonte de oscilação e destruição como enfatizou em sua escrita na revista do IHGB:

[...] continuas eram as inundações, vendo-se por toda parte os residuos das vazantes em charcos e poças, de compactos matagaes de fedegoso e vassourinha occultão cobras e commumente também não poucos jacarés vindos do rio, embora pequenos. (TAUNAY, 1891, p. 51).

Há uma diferença de representações em relação ao rio e as suas especificidades, quando contrapomos as que Rolim de Moura que no período que governou a Capitania tinha sim suas dificuldades, mas não como as apontadas por Alfredo Taunay a cima citadas.

Característica quase geral de qualquer tipo de funcionário colonial seja magistrado, naturalista, governador. Apesar de não manter uma relação efêmera com a Capitania, pois nela permaneceu por treze anos e, ao terminar seu período de governo, não retornou a Lisboa, tudo fez para acrescentar as representações negativas à difícil tarefa de trabalhar na fundação e desenvolvimento da Vila capital (Vila Bela da Santíssima Trindade) e demarcar a fronteira (mais oeste de todo a colônia), com o propósito de chamar a atenção das autoridades portuguesas, de elevar seu trabalho como funcionário real, sendo esta uma prática corrente entre os funcionários da coroa.(CANOVA 2010, p. 138).

As representações da geografia do Vale do Guaporé que Rolim de Moura transmitia era de um governador que procurava agradar a Rainha, ele não apontaria outra ideia que iria em desfavor a toda uma matriz teórica, e também por ser integrante primeiro de uma elite social de Portugal e agora do Brasil, com uma a proximidade a elite cuiabana, e estes efeitos são devastadores para todo um conjunto de saber da sociedade local, que havia já se constituído como sublinha Boaventura de Souza Santos:

A ecologia de saberes é um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônicas e pretendem contribuir para as credibilizar e fortalecer. Assentam em dois pressupostos: 1) não há epistemologias neutras e as que clama sê-lo são as menos neutras; 2) a reflexão epistemológica deve incidir não nos conhecimentos em abstrato, mas nas práticas de conhecimento e seus impactos noutras práticas sociais (Santos, 2006: p.154).

E este foi o erro que o viajante e memorialista Alfredo Taunay apontou sobre as duas tragédias que ocorreram no rio Guaporé, como tanto para o abandono da Vila Capital como para a morte de seu tio, sendo que segundo este autor o rio deveria ser tratado com mais cautela, e que ambos dos casos deveria ser levando em conta os saberes das sociedades locais, que o conhecimento popular seria o caminho.

3 Considerações finais

Nas considerações posso colocar que existe uma diferença de mentalidades e discurso. Antônio Rolim de Moura que tinha um espírito de obedecer a Coroa luso portuguesa e administrar o local e com intuito de acabar com a escravidão dos índios, e colocar pessoas para trabalhar nas terras e produzir, tudo isto fazendo o uso do rio Guaporé, pois era o que se tinha no momento como meio de transporte, via de comunicação sociabilidade entre outros.

A respeito de Alfredo Taunay, um viajante que esteve pautado em outra característica política e social, pois era membro do IHGB que tinha como intuito de construir uma memória nacional, com um sentimento de Romantismo e para colocar as críticas as práticas da Coroa portuguesa e também ao seu governador Antônio Rolim de Moura, pois o novo momento do século XIX em que Alfredo Taunay estava vivendo eram outros e que o rompimento com o antigo modelo de colonização do século XVIII se fazia necessário.

Apesar das formas diferentes de se escrever sobre uma mesma geografia e de um mesmo rio, há importância no estudo sobre estes documentos. É importante para a compreensão desse espaço, da significância deste espaço, geograficamente e historicamente. E como se trata de dois períodos diferentes, não se evita uma comparação com as descrições do espaço em questão. A questão política também é abordada de maneira comparativa, pois são duas situações diferentes sobre um mesmo lugar.

Um trabalho de mapear as representações de dois memorialistas e foi possível com este perceber o conflito entre culturas, uma da cultura popular e outra de uma política de Estado, a segunda detém do saber científico não sistematizadas para dar conta de organizar o trabalho de colonização e ocupação da espacialidade ligada ao rio Guaporé, mas o que temos são uma série de práticas um costume e uma tradição não escrita da primeira que vão contra as recomendações e as descrições estatais, que está não dialoga com o saber popular. A política de estado é elaborada com critérios técnicos sem levar em consideração a cultura popular, e com estas prescrições podem apontar e dizer que esta maneira da cultura popular não é a correta para se relacionar com a natureza.

O trabalho fez uma abordagem com estas perspectivas entre o rio Guaporé e o saber expresso pelo governador da Capitania do Mato Grosso, bem como as representações de Alfredo Taunay ao citar toda prática e virtudes do tio viajante Adriano Taunay.

Referências Bibliográficas

ANZAI, Leny Caselli. AMADO, Janaina. **Anais de Vila Bela 1734-1789**. Cuiabá, EdUFMT, 2006.

CASTRILLON, Mendes, Olga Maria. **Taunay viajante e a construção da imagética de Mato Grosso**. Campinas, SP: [s.n.], 2007.

CARVALHO, Francimar Alex Lopes. **Lealdades negociáveis: povos indígenas e a expansão dos impérios Ibéricos nas regiões centrais da América do Sul (segunda metade do século XVIII)**. Tese de Doutorado – USP, São Paulo, 2012.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Nos Confins da Civilização: Sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso**. Tese de Doutorado – USP, São Paulo, 2000.

INSTRUÇÕES dadas pela Rainha D. Mariana D'Áustria, mulher de D. João V, ao governador da Nova Capitania de Mato Grosso Dom Antônio Rolim de Moura. Lisboa, 19 de janeiro de 1749. In: Marcos Carneiro de Mendonça (RIHGB, t.LV p. 382, 1849.).

LUCIDIO, João Botelho **A Vila Bela e a Ocupação Portuguesa do Guaporé no Século XVIII. 2004**. PROJETO FRONTEIRA OCIDENTAL Arqueologia e História – Vila Bela da Santíssima Trindade / MT Autorização Federal de Pesquisa (IPHAN/MinC): Portaria nº 37 de 06/02/2003.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. 3 ed. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MATOS, Odilon Nogueira de. **Afonso de Taunay, historiador de São Paulo e do Brasil – perfil biográfico e ensaio bibliográfico**. Universidade de São Paulo e Fundo de Pesquisas do Museu Paulista. Coleção Museu Paulista, série Ensaios. Vol.1.São Paulo, 1977.

ROCHA, Lecy Figueiredo. **Guerreiros Cabaçais: a luta deste povo Bororo pela sobrevivência na região do Guaporé/ Lecy Figueiredo Rocha**. Jundiáí, Paco Editorial: 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Gislei Martins. **Incursões de fronteira: as contradições da modernização brasileira no sertão mato-grossense segundo o Visconde de Taunay / Gislei Martins de Souza**. – Cuiabá: [s.n.], 2011. 131 f.

TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle. **A cidade de Matto-Grosso (antiga Villa Bella), o rio Guaporé e a sua mais ilustre vítima: estudo histórico**, publicada na Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, Rio de Janeiro: Companhia Tipographica do Brazil, 1891. Tomo LIV, parte I, Pp. 1-108.

VIRGATCHIK, I. **A lua, sua influência sobre o homem e a natureza**. São Paulo: Pensamento, 1983.